

FILOSOFIA DA CIÊNCIA E LITERATURA: SOLIDIFICANDO PONTES ENTRE AS DUAS CULTURAS

PHILOSOPHY OF SCIENCE AND LITERATURE: SOLIDIFYING BRIDGES BETWEEN THE TWO CULTURES

FILOSOFÍA DE LA CIENCIA Y LITERATURA: SOLIDIFICANDO PUENTES ENTRE LAS DOS CULTURAS

Silas Alberto Garcia¹
Paulo Evaldo Fensterseifer²
Gabriel Carvalho Bungenstab³

RESUMO

O objetivo deste ensaio é oferecer um encontro reflexivo entre a literatura e a filosofia da ciência a partir de um diálogo entre a obra literária de Machado de Assis e os escritos de Paul Feyerabend sobre a ciência. Para tal, realizou-se uma apresentação do conto “O Alienista” no intuito de discutir os pontos de convergência desse conto - e de seu autor - com a concepção de ciência de Feyerabend. A disposição dialógica estabelecida a partir das obras de Machado de Assis e Feyerabend auxilia nas reflexões críticas sobre: 1) a ciência como verdade absoluta e; 2) a questão da educação científica. Por fim, fica nítido que tanto as concepções de Machado de Assis quanto as de Feyerabend sobre a ciência possibilitam manter o diálogo aberto e a esperança de que a ciência – e seus pesquisadores – possam exercer suas atividades de forma prudente e crítica para que, junto à população, possam constituir uma vida decente e emancipada.

Palavras-chave: Machado de Assis; Paul Feyerabend; ciência; educação científica.

ABSTRACT

The objective is to offer a reflective encounter between literature and the philosophy of science based on a dialogue between the literary work of Machado de Assis and the writings of Paul Feyerabend on science. To this end, there was a presentation of the short story “O Alienista” in order to discuss the points of convergence of this story - and its author - with Feyerabend's conception of science. The dialogic disposition established from the works of Machado de Assis and Feyerabend helps in critical reflections on: 1) science as absolute truth and; 2) the issue of scientific education. Finally, it is clear that both Machado de Assis' and Feyerabend's conceptions of science make it possible to maintain open dialogue and the hope that science –

¹ Mestre em Educação Física. Docente na Universidade Estadual de Goiás, 000-0001-9798-8219, silasgarcia11@gmail.com

² Doutor em Educação. Docente na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 0000-0002-4914-5281, fenster@unijui.edu.br

³ Doutor em Sociologia. Docente na Universidade Estadual de Goiás, 0000-00 02-3100-1538, gabrielcarv@msn.com



and its researchers – can carry out their activities in a prudent and critical manner so that, together to the population, can provide a decent and emancipated life.

Keywords: Machado de Assis; Paul Feyerabend; Science; Science education.

RESUMEN

El objetivo de este ensayo es ofrecer un encuentro reflexivo entre la literatura y la filosofía de la ciencia a partir de un diálogo entre la obra literaria de Machado de Assis y los escritos de Paul Feyerabend sobre la ciencia. Para ello, se realizó una presentación del cuento “El alienista” con el fin de discutir los puntos de convergencia de este relato -y de su autor- con la concepción de ciencia de Feyerabend. La disposición dialógica que se establece a partir de las obras de Machado de Assis y Feyerabend ayuda en la reflexión crítica sobre: 1) la ciencia como verdad absoluta y; 2) la cuestión de la educación científica. Finalmente, es claro que tanto la concepción de ciencia de Machado de Assis como la de Feyerabend permiten mantener un diálogo abierto y la esperanza de que la ciencia –y sus investigadores– puedan desarrollar sus actividades de manera prudente y crítica para que, junto con el población, pueda proporcionar una vida digna y emancipada.

Palabras clave: Machado de Assis; Paul Feyerabend; ciencia; educación científica.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é oferecer um encontro reflexivo entre a literatura e a filosofia da ciência¹ a partir de uma disposição dialógica entre a obra literária de Machado de Assis e os escritos do filósofo Paul Feyerabend sobre a ciência. Segundo Zanitec (2006), o exercício reflexivo de aproximação entre ciência e literatura é salutar, sobretudo, pelo fato de reforçar uma visão de mundo que considera que existem outras formas de saber além daquela oriunda do pensamento científico.

Diversas são as pesquisas que procuram estabelecer pontes entre a ciência e a literatura (Gomes, 1994; Snow, 1995; Galvão, 2006; Groto; Martins, 2015). Groto e Martins (2015), por exemplo, fizeram uso da literatura de Monteiro Lobato para problematizar questões da natureza da ciência com alunos de uma escola de ensino fundamental. Já Galvão (2006), lança mão da teoria da complexidade para justificar uma visão holística do conhecimento, que contemple tanto a literatura como a ciência.

Assumindo uma visão holística do conhecimento, acreditamos, na esteira de Zanitec (2006), que Machado de Assis foi um escritor com veia científica, ao passo que Paul Feyerabend foi um cientista com veia literária. Machado de Assis (1839-1904) em seu conto *O Alienista* exprime de maneira satírica, irônica e metafórica críticas ao modelo de sociedade que vinha se edificando no Brasil a partir dos cânones da nova ciência advinda do pensamento europeu. Para Gomes (1994, p. 145), *O Alienista* critica



o vínculo entre ciência e poder, “[...] bem como a usurpação, pelo homem de ciência, do direito que cada um tem de dizer a sua própria verdade”. Já os escritos de Feyerabend (2010, 2011a, 2011b, 2016) abalaram radicalmente as seitas dos fiéis cientistas racionalistas e empiristas. O autor austríaco criticou a uniformização e o dogmatismo científico, defendendo, em contrapartida, a pluralidade de ideias e a importância dos conhecimentos não científicos.

Nesse sentido, estamos interessados em construir diálogos entre a obra literária de Machado de Assis e os escritos de Paul Feyerabend. O escritor brasileiro possui uma leitura irônica e crítica da modernidade e, em vários momentos, faz reflexões em que as discussões sobre o conhecimento estão em pauta. Sendo assim, acreditamos que a obra de Machado de Assis possa ser material importante para relacionar com os escritos de Paul Feyerabend sobre ciência. O presente ensaio busca analisar quais os pontos de semelhanças entre as perspectivas de ciência de Feyerabend e de Machado de Assis em *O Alienista*. Para isso, se estruturou em quatro tópicos: 1) apresentação e contextualização do conto *O Alienista*; 2) contextualização da vida e obra de Paul Feyerabend; 3) discussão dos pontos de convergências da concepção de ciência de Feyerabend e Machado de Assis e; 4) as considerações finais.

CONTEXTUALIZANDO O CONTO “O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS

O conto *O Alienista*, que é constituído por 13 (treze) capítulos, foi redigido por Machado de Assis e publicado inicialmente em 1881. A trama do conto é desenvolvida na cidade de Itaguaí em um período ulterior à chegada da família real no Brasil. O personagem principal é o Doutor Simão Bacamarte, um notável e exímio médico, que estudou em Pádua e Coimbra, que era totalmente obstinado e alienado pela ciência. Doutor Bacamarte, ao perceber que estudos e pesquisas sobre a patologia psíquica eram raros, iniciou sua jornada incessante para compreender o problema da insanidade para que conseguisse desenvolver a cura para essa anomalia que o intrigava (ASSIS, 2009).

Sempre muito sagaz em suas ironias e sátiras, Machado de Assis constrói a figura do ilustre Simão Bacamarte através de características que simbolizavam o ideário de cientificidade de seu período. Já nas primeiras linhas do conto aparece um traço marcante daquele período, a crença de que tudo poderia e deveria ser explicado, orientado, regulado e ordenado pelos preceitos da ciência, inclusive o amor.

Sendo um homem da ciência, Bacamarte escolheu a sua esposa, D. Evarista, fundamentado exclusivamente em bases científicas de fisiologia e anatomia, não teve nenhuma preocupação com a aparência, com simpatia, com o caráter, com a personalidade, etc., pois seu único objetivo era que ela pudesse lhe dar filhos saudáveis e inteligentes. Justificando sua escolha, Bacamarte diz que: “[...] D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente visão [...]” (ASSIS, 2009, p. 7). Reportando-se ao modo pelo qual o Dr. Bacamarte realizou a escolha de sua esposa, Melo Junior (2016) destaca que:

[...] torna-se claro que Simão não havia mentido outrora ao Rei de Portugal, quando disse que seu único interesse era o estudo científico. Mesmo em se tratando de casamento, o doutor levou em consideração tão somente os quesitos que caracterizavam sua companheira como uma boa progenitora de sua almejada prole. Para Bacamarte, D. Evarista era como o relógio no pensamento cartesiano, isto é, apenas uma máquina a ser dissecada e esmiuçada pelo discurso científico (MELO JUNIOR, 2016, p. 75).

Entretanto, o diagnóstico científico desenvolvido por Bacamarte para a escolha de sua esposa foi falho e equivocado, tendo em vista que D. Evarista não foi capaz de gerar nenhum filho, nem mesmo com as sugestões de dieta que ele fez a ela depois de vários e vários estudos. Nesse ponto, ironicamente, Machado de Assis já colocava em xeque a concepção da ciência dispor da verdade absoluta e ser infalível e irreprochável (GARCIA; PERES; MENEZES, 2020).

Embora esse malgrado, Simão não se consternou, pois sendo homem de e da ciência não tinha tempo para sentimentalismos e, como ele mesmo destacou, somente a ciência possuía capacidade de remediar todas as dores e angústias da vida. Considerando isso, o que ele fez foi se inclinar diligentemente aos estudos científicos para tentar encontrar uma cura para a insanidade (ASSIS, 2009).

Bacamarte não se contentou em apenas estudar a teoria da patologia psíquica, ele desejava colocar seus conhecimentos e descobertas em prática a partir de experimentos com os mentecaptos de Itaguaí. Então, com sua enorme capacidade de persuasão, ele procurou ajuda no parlamento. Como resultado, conseguiu, em nome da ciência, poder e apoio das autoridades de Itaguaí para construir um manicômio (que depois foi denominado de Casa Verde) e, também, para internar neste recinto aqueles que fossem avaliados como loucos. Desse modo, Bacamarte passou a intervir na vida

da população de Itaguaí para encontrar os possíveis mentecaptos que habitavam na cidade.

Nesse contexto, Machado de Assis, através do personagem Simão Bacamarte, realiza uma crítica ao paradigma social daquele período que era embasado na concepção positivista. Endossando essa questão, Gomes (1994) explana que a

[...] obra já centenária nos coloca nos limites de um século que se assumiu cientificista e nos arredores de modificações substanciais na vida brasileira: estão no ar os ideais republicanos e o positivismo é um caldo no qual todos parecem imersos. Nem todos, é claro. Machado não está entre eles: o olhar cético não o abandona (GOMES, 1994, p. 147).

Outrossim, fica nítido que Machado de Assis, através de seu conto, busca colocar em xeque a realidade que estava vigorando no Brasil por meio das concepções liberais, positivistas e republicanas. As intervenções de Bacamarte na vida das pessoas não são por acaso. Essa questão expressa uma crítica do autor ao poder que neste período foi concedido à ciência para intervir na vida da população, poder esse justificado pelo viés do progresso da nação. O poder dado ao médico, e o fato de ele não ser questionado por ser uma autoridade científica que buscava trazer cura para os insanos, denota explicitamente características do positivismo que impera naquela época.

Neste sentido, de acordo com Corbanezi (2015), o progresso social na concepção positivista advinda de Comte, só é possível se a população obedecer às determinações desenvolvidas pelos cidadãos esclarecidos. Portanto, Dr. Bacamarte representava os esclarecidos, logo, a população teria que acatar compulsoriamente, sem questionar, todas as suas deliberações.

Após ser construída a Casa Verde, Simão continuava seus estudos buscando criar uma teoria categórica para poder classificar e definir as pessoas tresloucadas. No princípio, o obstinado médico enclausurava na Casa Verde apenas aqueles sujeitos que já possuíam o status de loucos na sociedade. Não se contentando com isso, Bacamarte exauriu seus esforços até conseguir formular uma nova teoria. A partir de seus estudos e análises, ele chegou à conclusão de que a loucura consistia no desequilíbrio das faculdades mentais, uma vez que para uma pessoa ter sanidade mental ela deveria possuir o “[...] perfeito equilíbrio das faculdades mentais [...]” (ASSIS, 2009, p. 19).

Bacamarte só tinha olhos para a ciência, nada além do que era científico lhe interessava, nem mesmo sua esposa. Após ter um diálogo com o Padre Lopes e receber



uma interpretação sacral sobre a loucura, o ilustre médico a menosprezou, pois ele só aceitava explicações oriundas da ciência. Nesse ponto, conforme Garcia, Peres e Menezes (2020):

Machado de Assis coloca lado a lado uma autoridade científica, Simão Bacamarte e uma autoridade religiosa, padre Lopes. O primeiro representava o novo, o progresso científico, a modernidade, enquanto este último, certamente, representava o arcaico, o obsoleto que necessitava ser superado. Contudo, o autor não deixa escapar uma oportunidade de deflagrar os moldes da sociedade emergente, que buscava se “modernizar”. Mesmo que o ilustre médico buscasse expressar a modernidade, o inovador, ele é dogmático, fanático e crédulo pela ciência, características essas típicas da sociedade “ultrapassada”. [...] a ciência se transformava em um novo evangelho (GARCIA; PERES; MENEZES, 2020, p. 14-15)

Com base em sua nova teoria, Dr. Bacamarte iniciou tenaz vistoria em toda a cidade de Itaguaí para encontrar pessoas que apresentassem qualquer desequilíbrio nas faculdades mentais. Ele andava pelas ruas, entrava nas casas das pessoas, conversava e fazia diversos questionamentos que amedrontavam até os mais corajosos. Com isso, Simão começou a trancafiar na Casa Verde qualquer sujeito que apresentasse o menor traço de desequilíbrio psíquico (ASSIS, 2009).

O resultado disso foi a necessidade de ampliar as instalações da Casa Verde, posto que o número de pessoas internadas por Bacamarte crescia exponencialmente. Então, o pânico e o terror, em razão das ações autoritárias do médico, já assolavam toda a população de Itaguaí. Os critérios adotados pelo médico não eram claros aos cidadãos e ninguém se sentia seguro, pois a qualquer hora poderia ser julgado como louco e acabar sendo trancafiado na Casa Verde. Até mesmo os cidadãos que apresentavam ter total sanidade mental estava sendo internados.

Grosso modo, esse foi o apogeu para a população de Itaguaí se revoltar com as atitudes opressivas e coercitivas de Bacamarte. Num primeiro momento, um grupo de trinta pessoas se reuniu e foi ao parlamento municipal solicitar que as ações do médico fossem interrompidas. Todavia, não houve sucesso nessa tentativa, dado que receberam como resposta que a “[...] ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua” (ASSIS, 2009, p. 30). Apesar disso, a população não desistiu, muito pelo contrário. Liderados pelo barbeiro Porfírio, reuniram mais de trezentas pessoas e foram em direção à Casa Verde com o objetivo de destruí-la.

Em síntese, o movimento liderado por Porfírio, a revolta dos Canjicas como ficou conhecida, não teve êxito novamente. Bacamarte, com o apoio da guarda municipal, conteve o movimento e ainda por cima ordenou que Porfírio e seus seguidores fossem internados na Casa Verde porque suas ações demonstravam total desequilíbrio mental. Dr. Bacamarte estava no auge de seu poderio e, também, de sua alienação. Nada poderia pará-lo e a cada instante ele encontrava um novo traço de loucura, ninguém escapava, nem mesmo o presidente da câmara de Itaguaí e, para o pasmo de todos, até mesmo a sua esposa D. Evarista foi aquilatada pelo alienista como sendo louca.

No final das contas, Simão Bacamarte percebe que sua teoria estava equivocada e manda liberar todas as pessoas que estavam internadas na Casa Verde. Tendo trancafiado quase toda a população, o ilustre médico percebeu que possuir desequilíbrio nas faculdades mentais era algo comum a todos, assim, ser louco era indício de sanidade mental, ao passo que dispor de perfeito equilíbrio das faculdades mentais era um indicativo de loucura. Sendo assim, ele chegou à conclusão que, por ele não ser louco em virtude de apresentar o perfeito equilíbrio das faculdades mentais, ele era o único mentecapto de Itaguaí. Em decorrência disso ele se trancou na Casa Verde para tentar compreender a si mesmo e descobrir uma cura. “A questão é científica – dizia ele – trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e prática (ASSIS, 2009, p. 57). Simão Bacamarte morreu dezessete meses depois sem ao menos ter conseguido descobrir a cura para si mesmo.

O conto *O Alienista* de Machados de Assis possui diversos outros elementos significativos que poderiam ser explorados com mais pormenores, porém, considerando o objetivo delineado nesse ensaio, buscou-se realizar no decurso desse tópico somente uma lacônica contextualização para dar mais consistência no desenvolvimento do tópico subsequente.

CONTEXTUALIZANDO A VIDA E OBRA DE PAUL FEYERABEND

Paul Karl Feyerabend certamente é o filósofo da ciência mais emblemático, controverso e mal interpretado do século XX. Nascido em Viena na Áustria no ano de 1924, Feyerabend em sua vida adulta se consolidou como um singular e notável físico e professor de filosofia da ciência trabalhando em renomadas e consagradas universidades da Europa e dos Estados Unidos (FEYERABEND, 1996). Feyerabend escreveu vários livros significativos que contribuem para uma compreensão mais crítica



de questões atinentes à ciência e ao desenvolvimento do conhecimento. Suas principais obras são: *Contra o método*, *Adeus à Razão*, *A Ciência em uma Sociedade Livre*, *Diálogos sobre o conhecimento*, *Matando o tempo: uma autobiografia*, *Ciência, um monstro: lições trentinas* e *A conquista da abundância*.

Ao longo de sua jornada acadêmico-profissional colecionou inúmeras polêmicas em virtude do seu modo peculiar e cáustico de compreender questões referentes principalmente com a ciência. Ele foi um verdadeiro *outsider* da ciência. A mola propulsora para a sua fama (e ao mesmo tempo para sua difamação) mundial foi a publicação de seu livro *Contra o método*. Nesse livro, Feyerabend emitiu críticas ousadas e rígidas ao modelo tradicional de ciência, especialmente às noções de método, regras e padrões universais, racionalidade e razão, pois em sua concepção elas estavam levando ao dogmatismo e a uniformidade do conhecimento. Ademais, ele advogou pela pluralidade do conhecimento (FEYERABEND, 2011).

Pelo seu atrevimento linguístico, Feyerabend foi extremamente incompreendido. Fato esse que lhe custou apelidos como: o pior inimigo da ciência, “o terrorista epistemológico”, “profeta do irracionalismo”, “Salvador Dalí da filosofia acadêmica” etc. (DAMASIO; PEDUZZI, 2017). Dessa forma é válido esclarecer que o pensador austríaco não negava a ciência, mas sim o modo como ela vinha sendo conduzida, isto é, de forma dogmática, monística, uniforme, imperialista e tirânica. Claro que no escopo de suas obras, Feyerabend solapa a ciência e seu poderio na sociedade, o que pode levar, se não for feita uma leitura atenta e circunspecta de seus escritos, a uma compreensão de anticientificidade. Contudo, o que ele buscava era defender a pluralidade global e contribuir para “[...] uma melhor compreensão das ciências, de uma melhor organização da sociedade, [...] melhores relações entre os indivíduos [...]” (FEYERABEND, 1996, 142

A crítica à ciência como “verdade absoluta” é amplamente estabelecida e difundida no terreno - mas não apenas - da Filosofia da Ciência e ancora-se no trabalho de muitos e variados autores, de diversas vertentes. Contudo, divergindo da maioria das concepções e teses dos demais pensadores, Feyerabend tinha como uma de suas principais premissas a crítica ao racionalismo científico por ele estimular o dogmatismo e a uniformidade. Tal fato, segundo o pensamento feyerabendiano, estava impedindo o avanço científico, o desenvolvimento crítico e ceifando a humanidade das pessoas, por isso, necessitava-se de uma epistemologia anárquica (transitória) e pluralista (FEYERABEND, 2011a, 2011b, 2016).



Feyerabend deixa claro, em sua clássica obra “Contra o Método”, que seu intuito não era o de apresentar uma nova receita epistemológica, uma nova metodologia ou teoria. Ao dar sua explicação ele diz que: “minha intenção não é o de substituir um conjunto de regras gerais por outro conjunto da mesma espécie: minha intenção, ao contrário, é convencer [...] que todas as metodologias, até mesmo as mais óbvias, têm seus limites” (FEYERABEND, 2011b, p. 47). O que Feyerabend buscou com esse princípio foi estimular a proliferação ilimitada de concepções, teorias, métodos, metodologia, cosmovisões, culturas etc. Isso teria como resultado a autonomia de pensamento, a liberdade de ação, o multiculturalismo, a heterogeneidade de mundividências e uma Ciência mais criativa e crítica (ABRAHÃO, 2015).

PONTOS DE CONVERGÊNCIA DAS CONCEPÇÕES DE CIÊNCIA DE MACHADO DE ASSIS NO CONTO *O ALIENISTA* E AS DE PAUL KARL FEYERABEND

Analisando o conto *O Alienista*, é possível constatar algumas similitudes entre as críticas que Machado de Assis profere à ciência com as que o físico e filósofo austríaco Paul Feyerabend cunhou nas últimas décadas do século XX. Neste sentido, o intuito deste tópico é apresentar e discutir os pontos de convergência das concepções de ciência de Machado de Assis no conto *O Alienista* e as de Feyerabendⁱⁱ. Para tal empreendimento, o argumento desse tópico será organizado pelos seguintes eixos balizadores: 1) a ciência como verdade absoluta; 2) a questão da educação científica.

1) *A ciência como verdade absoluta*

Tendo visto alguns elementos primordiais do conto *O Alienista* de Machado de Assis, percebe-se que desde as primeiras páginas do texto o preeminente escritor brasileiro já tece críticas, por meio de ironias e sátiras com a composição do personagem Dr. Simão Bacamarte, à concepção de ciência que vigorava naquele período. A maneira como Machado desenvolve cada pormenor do personagem Simão Bacamarte nos deixa claro o seu objetivo de personificá-lo como sendo a representação da ciência.

Uma crítica de Machado que é presente ao longo de todo o conto se refere à concepção de ciência como verdade absoluta. O autor brasileiro não compactuava com essa lógica e deixa isso claro em diversos momentos no conto. A primeira crítica sobre essa questão pode ser percebida quando a hipótese científica (embasada em questões fisiológicas e anatômicas) de Dr. Bacamarte sobre a escolha de uma esposa perfeita para



lhe dar descendentes saudáveis, fortes e inteligentes não se concretizou na prática, tendo em vista que D. Evarista não foi capaz de gerar nenhum filho sequerⁱⁱⁱ.

Nesse ponto é bem manifesta a sátira que Machado de Assis desenvolve em relação à tendência de idealizar a ciência como critério exclusivo das escolhas humanas (destituindo-as de critérios éticos e estéticos). O equívoco e a falha de Bacamarte sobre a escolha de sua esposa deixam transparecer que o fato de se embasar em preceitos científicos nem sempre ocasiona e garante resultados positivos e coerentes, pois, a depender dos critérios de cientificidade do doutor Bacamarte, a humanidade estaria em extinção. Exemplificação literária de que a ciência, embora de suma importância na estruturação do mundo humano, também é suscetível de erros e equívocos que mostram os limites das pretensões humanas de verdade.

Nessa esteira, Feyerabend (2010, 2011a, 2011b, 2016), ao realizar suas investigações e críticas epistemológicas, também solapou o axioma de a ciência ser a detentora da Verdade (com V maiúsculo) absoluta. Constituindo-se como uma entidade divina, a ciência passou a influir também em todas as esferas sociais. Neste sentido, fazendo um arrazoado sobre isso, Feyerabend (2011, p. 92) explana que “[...] a ciência já não é uma instituição particular, ela agora é parte do tecido básico da democracia exatamente como a Igreja foi, em uma época, parte do tecido básico da democracia”. E assim como na Idade Média, aqueles que ousavam ir contra os preceitos e dogmas da Igreja ou criticá-los eram julgados e condenados pela santa inquisição, na modernidade, aqueles que tiveram a audácia e atrevimento de contestar as ideologias, os métodos e a excelência da ciência também foram censurados e julgados como hereges pela seita dos inquisidores da ciência (FEYERABEND, 2011).

Em seu livro mais conhecido e controverso, *Contra o Método*, o autor austríaco assevera que a perspectiva de conceber a ciência como perfeita, como verdade peremptória e irrefutável não passa de mais um eminente conto de fadas. Ademais, Feyerabend (2011b) argumenta que esta tendência sofismática só prejudica o desenvolvimento do conhecimento e da capacidade crítica, uma vez que essa maneira de conjecturar a ciência traz como corolário o dogmatismo, o monismo e a uniformidade do pensamento científico. Aludindo a isso, Feyerabend (2011a) escreve que

A excelência da ciência é *presumida*, ninguém *argumenta* a seu favor. Aqui cientistas e filósofos da ciência agem exatamente como os defensores da Uma e Única Igreja Romana agiram antes deles: a

doutrina da Igreja é verdadeira, tudo o mais é um absurdo pagão (FEYERABEND, 2011a, p. 92, grifos do autor).

Neste sentido, o autor argumenta que para a ampliação do conhecimento é imprescindível a pluralidade de ideias, dado que somente o método que incite a pluralidade é consonante com a perspectiva humanitarista. Assim, tanto para Machado quanto para Feyerabend, a concepção de ciência como verdade incontestável e irrefutável deveria ser modificada para que ela possa ser conduzida de maneira crítica. Em síntese, eles alvitraram a premente necessidade de a ciência deixar de ser preconizada de modo semelhante a uma religião, à qual todos devem se sujeitar e seguir fidedignamente os dogmas, princípios e fundamentos difundidos pelos arautos do pensamento científico.

Tanto o conto de Machado de Assis como a obra de Feyerabend tecem críticas ao poder reivindicado pela ciência e com reconhecida legitimidade nas comunidades científicas no que tange às formas de conhecer. Em *O Alienista*, este poder associa-se não apenas à crença de que este conhecimento alcançaria a verdade, mas também ao seu papel ideológico e político, na medida em que não permitia falseamentos cognitivos e sociais, haja vista o interesse/patrocínio político do Estado. O que dá a política uma base epistemológica, retirando (na trilha do platonismo) seu caráter errante (por ter por base a doxa e não a episteme). Perspectiva que indicaria o fim da democracia, este sistema que flerta com acertos e desacertos da condição humana.

Por mais que a obra de Feyerabend tenha sido escrita quase um século depois do conto de Machado Assis, nota-se a preocupação de ambos com o suposto poder da ciência. Para Feyerabend (2011b), as alternativas científicas que apregoam lei e ordem são pouco humanitárias^{iv}. Nesse sentido, colocou em xeque a racionalidade científica e criticou o poder que se dá à ciência: [...] “recomendo colocar a ciência em seu lugar como forma de conhecimento interessante, mas de modo algum exclusiva, que tem muitas vantagens, mas também muitos inconvenientes” (FEYERABEND, 2011b, p. 213).

Para Feyerabend, o progresso científico não se dá apenas de maneira teleológica, a partir da substituição hierárquica de conhecimentos, de teorias e de descobertas, tal qual promulgava o pensamento positivista. O filósofo austríaco defende que o processo histórico da ciência é complexo e não se limita apenas ao tratamento de enunciados e noções estritas e imutáveis. Nesse bojo, levanta a tese de que é preciso desenvolver uma



postura (transitória) anarquista^v diante da ciência. Feyerabend (2011b) faz questão de explicitar que o anarquismo epistemológico é divergente do anarquismo político e do ceticismo. O argumento que o autor utiliza para sustentar isso é que o anarquista epistemológico não se limita a uma posição, uma teoria ou metodologia, ele não está subordinado a uma determinada associação, ele está livre para defender o que parece ridículo ou para criticar aquilo que apresenta ser o mais óbvio e racional. “Aquilo a que se opõe de maneira decidida e absoluta são os padrões universais, as leis universais, as ideias universais, como ‘Verdade’, ‘Razão’, ‘Justiça’, ‘Amor’, e o comportamento que essas ideias acarretam [...]” (FEYERABEND, 1977, p. 293).

Feyerabend (2011b) condena a concepção de estagnação metódica e teorética e diz que isso é uma noção de ignorância assaz do homem. O que o pensador vienense busca denotar é que todas as teorias, metodologias e conhecimentos podem ser válidas e contributivas para a ciência e para a humanidade, posto que a estagnação, a uniformidade, o dogmatismo e a doutrinação tendem a frear o desenvolvimento científico e humano, ao passo que a pluralidade de ideias, teorias e metodologias os impulsionam.

De certo modo, podemos considerar que dentro da obra *O Alienista* aparece algumas características pontuadas acima por Feyerabend. Por exemplo, o conto de Machado aloca-se num tipo de conhecimento que não é considerado ciência. Em sua literatura ficcional, ao narrar a história de Simão Bacamarte, permite-se assumir uma postura crítica a partir do conto.

Nesse sentido, sua obra literária também assume importância científica^{vi}. Afinal, como já ressaltado neste ensaio, o escritor brasileiro aborda temas como a relação do Estado com a ciência (quando, por exemplo, o governo patrocina a Casa Verde e na situação do apoio contra os ataques da população) e da ciência com a religião (quando Bacamarte menospreza o discurso do Padre Lopes). Além disso, no próprio conto, notamos a presença de uma postura anarquista, na medida em que a população se rebela contra as práticas científicas de Bacamarte.

Grosso modo, o que Machado de Assis e Feyerabend parecem nos dizer – com palavras diferentes e contextos diferentes – é que a ciência e seus pesquisadores correm constantemente o risco de se transformarem em monstros (FEYERABEND, 2016) na medida em que a busca desenfreada pela racionalidade e verdade elimina o que nela há de mais importante: sua capacidade constante de avaliar seus erros, modificar suas



teorias e propor uma vida melhor para os cidadãos. Nesse aspecto, outro elemento que perpassa a obra desses dois escritores parece sintomático e merece ser discutido: a questão da educação científica.

2) *A questão da educação científica*

A educação científica parece ser um aspecto principal do cotidiano de Bacamarte. Após retornar a Itaguaí, várias de suas ações cotidianas são pautadas pela sua concepção de ciência. Nesse sentido, podemos afirmar que sua educação científica moldou sua concepção de mundo e, conseqüentemente, suas relações sociais. Isso fica claro quando Bacamarte escolhe a D. Evarista como sua esposa, quando define as características de pré-requisitos para internação das pessoas e no modo que se posicionou com os integrantes da revolta em frente à Casa Verde. Fato é que a educação científica de Bacamarte não lhe permitiu compreender as relações sociais ao seu redor (por exemplo, com D. Evarista, com Crispim e com Porfírio) que eram estabelecidas por questões socioeconômicas, afetivas e não científicas. Mas afinal, de que educação científica está se falando?

Uma das premissas principais desenvolvidas e sustentadas por Feyerabend (2010, 2011b) é a de que o racionalismo científico estava estimulando o dogmatismo e a uniformidade, tais fatos impedem o avanço científico e o desenvolvimento crítico, ceifando nossa humanidade; por isso se necessitava de uma epistemologia anárquica e pluralista. Para tal, Feyerabend faz críticas ao modelo tradicional de educação científica e reflete sobre outras possibilidades nesse processo.

Para Feyerabend (2011b) a educação científica dominante procura ser objetiva ao passo que simplifica a ciência por meio da simplificação de seus participantes através de ações uniformes e fatos que, ao serem observados, possam também apresentar regularidades. Nesse sentido, há a tentativa de inibir qualquer manifestação intuitiva que porventura possa vir a atrapalhar esse processo.

Assim como um animal bem adestrado obedecerá ao dono, por maior que seja a perplexidade em que se encontre e por maior que seja a necessidade de adotar novos padrões de comportamento; assim também o racionalista convicto se curvará à imagem mental de seu mestre, manter-se-á fiel aos padrões de argumentação que lhe foram transmitidos e aceitará esses padrões [...] (FEYERABEND, 2011, p. 40).

Contudo, salienta Feyerabend, esse processo de educação científica não condiz com uma atitude humanista. Para Feyerabend (2011), uma educação científica deve adotar uma metodologia pluralista, de modo que várias ideias (teorias) sejam comparadas a fim de descobrir de fato como viver melhor neste mundo. Assim sendo, podemos afirmar que a educação científica de Bacamarte não lhe propiciou a capacidade inventiva de elaborar hipóteses que, supostamente, pudessem ser ultrapassadas pela simples observação indutiva.

O filósofo austríaco ainda nos alerta que uma educação científica deve levar em consideração variados tipos de conhecimento, sejam eles advindos dos mitos antigos, dos preconceitos modernos ou das fantasias dos excêntricos. De tal modo, podemos afirmar, na esteira de Feyerabend, que nem sempre a descoberta científica a partir das observações do pesquisador vem à tona junto com aquelas teorias estabelecidas. Segundo Feyerabend, muitas dessas descobertas são auxiliadas por teorias que foram antes refutadas (por estarem erradas ou por não serem científicas).

Grosso modo, Feyerabend nos convida a pensar em outra educação científica e não restam dúvidas que, no plano da filosofia da ciência, ele profere críticas que abalaram e perturbaram todos os crenes da ciência. O epistemólogo austríaco afirma que “a ciência é uma das muitas formas de pensamento desenvolvidas pelo homem e não necessariamente a melhor” (FEYERABEND, 1977, p. 447). De acordo com o autor, não há conhecimento apenas na ciência, outras esferas da sociedade também possuem conhecimento, a questão é que historicamente a ciência usufruiu do seu poder, desqualificando outros saberes e se autoproclamando como a única detentora do conhecimento e da verdade.

Podemos considerar que Bacamarte era um homem racional que acreditava que tudo poderia ser explicado, organizado e classificado empiricamente para que a sociedade – e a ciência - progredisse. Contudo, notamos que faltou na educação científica de Bacamarte a dimensão crítica, reconhecendo os próprios limites da ciência, reconhecendo que a ciência é uma expressão de racionalidade, mas não a única, o que acabou impedindo o avanço de suas teorias e descobertas, na medida em que não resolveu seus problemas de cunho científico, como também aqueles de ordem social e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse ensaio foi discutir e refletir sobre os pontos de convergência entre as concepções e críticas sobre a ciência de Machado de Assis, desenvolvidas em seu conto “O Alienista”, com as do pensador austríaco Paul Feyerabend. Mais especificamente, apresentamos a ótica análoga que esses preeminentes autores tiveram – mesmo estando em contextos e em dimensões e foco de escrita diferente (Machado de Assis inserido no universo da literatura e Feyerabend no âmbito da epistemologia e filosofia da ciência) – ao enfrentar questões atinentes à ciência que nos permitem refletir sobre o ideário da ciência como verdade absoluta e a questão da educação científica.

Dessa maneira, foi possível perceber que tanto Machado de Assis quanto Feyerabend nos provocam e nos induzem a pensar o fazer científico para além daquilo que já está estabelecido. Em tempos em que a ordem do dia no bojo da comunidade científica e da sociedade era vangloriar e sacralizar os feitos e os progressos conseguidos pela ciência, Machado de Assis e Feyerabend seguiram em uma senda diferente ao apontarem que a ciência não produzia apenas questões positivas para a sociedade. Para esses pensadores, era fundamental uma postura cautelosa também diante da ciência, de modo que ela também fosse tratada por meio de uma disposição crítica, e não apenas a partir de uma atitude conformativa e dogmática como boa parte da comunidade científica vinha tendo.

O desenvolvimento do personagem Simão Bacamarte revela, de modo irônico e cômico, qual seria o resultado de um sujeito que levasse a cabo todos os preceitos que a ciência moderna alvitra: um indivíduo totalmente alienado. Nesse sentido, Machado de Assis toca na questão da educação científica. Então, assim como Feyerabend, ele nos suscita a pensar que, para um desenvolvimento mais significativo do conhecimento, da ciência e da humanidade, é fundamental que a educação científica seja conduzida de forma a possibilitar e estimular que os sujeitos utilizem o pensamento científico de modo reflexivo e crítico. Ou seja, é essencial que os sujeitos possam ser criativos e livres para pensar, de tal forma que sempre possam questionar e colocar em xeque aquilo que pode ser/estar equivocado, mas que se apresenta como imutável e peremptório pela comunidade científica. Assim, eles não se subordinarão ao que a ciência e os cientistas preconizam como se fossem entidades e sujeitos irreprocháveis e detentores da verdade absoluta. Ambos reconheceram que a perfeição é atributo dos deuses, que, quando assume feição humana, torna-se avessa a crítica, atributo que acompanha a perfectibilidade compatível com os humanos.

Um ponto de divergência que pode ser destacado entre Machado de Assis e Feyerabend se refere à diferença de natureza de suas produções. No conto “O Alienista”, Machado de Assis destaca por meio do personagem Bacamarte as contradições políticas e sociais de uma sociedade que vinha se erigindo sob a égide das bases do pensamento científico positivista. No entanto, ele não apresentou nenhuma proposição para tal problema. Podendo sugerir seu reconhecimento a tradição como algo superior ao discurso científico (como a dizer: fizemos um péssimo negócio trocar nossas certezas pelas pretensões de verdade da ciência). Já Feyerabend cunhou seus trabalhos realizando algumas proposições (mas sem prescrição, afinal ele era crítico da tendência da epistemologia prescritiva) para o desenvolvimento da ciência e do pensamento científico.

Sem conhecer a rigor as várias obras de Feyerabend (normalmente no Brasil ele é conhecido somente pelo seu controverso *Contra o Método*), uma divergência entre ele e Machado de Assis que poderia se apresentar se refere ao enfoque de seus estudos. Enquanto Machado de Assis focou especificamente nas dimensões políticas e sociais da ciência, poderia presumir-se que Feyerabend se ateuve apenas à dimensão epistemológica e filosófica. Entretanto, Feyerabend não circunscreveu seu enfoque apenas nessas dimensões, uma vez que em suas principais obras (*Contra o método, A ciência em uma sociedade livre, Adeus à razão, Diálogos sobre o conhecimento, Ciência um monstro: lições trentinas, A conquista da abundância*) ele também mobilizou as questões relacionadas aos impactos sociais e políticos da ciência quando, por exemplo, denunciou a razão ocidental científica que imperava de maneira descontrolada. Para ele, essa razão destruiu culturas, tradições, tribos e comunidades. Em nome da razão, a ideologia ocidental, com seus slogans de salvadores, esclarecidos, etc., eliminou a individualidade de muitos. Claro, também trouxe benefícios significativos para alguns, mas interveio sem perguntar se era isso que eles queriam, ou seja, nada democrático (FEYERABEND, 2010). Uma crítica social e política bastante similar com a que pode ser depreendida a partir da leitura do conto *O Alienista*.

Por fim, fica nítido que tanto as concepções de Machado de Assis quanto as de Feyerabend sobre a ciência possibilitam manter o diálogo aberto e a esperança de que a ciência – e seus pesquisadores – possam exercer suas atividades de forma prudente e crítica para que, junto à população, possam constituir uma vida decente e emancipada. O ceticismo de autores como estes nos permitiu questionar o equacionamento das verdades humanas como atributos exclusivos de uma racionalidade científica, com isso



manteve-se aberta a possibilidade de construirmos conhecimentos objetivos que, por reconhecerem sua historicidade, não flertam com a pretensão de verdades absolutas. Cada um, a sua maneira, resistiu à tentação metafísica do positivismo, seja na ciência, seja na política, mantendo, no entanto, o desejo humano de construir conhecimentos que carregam a precariedade da condição humana.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- CORBANEZI, E. O terror do positivo: O alienista e o positivismo comteano. **PlurL**, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.22.1, p. 209-232, 2015.
- FEYERABEND, Paul Karl. **A ciência em uma sociedade livre**. São Paulo: UNESP, 2011.
- FEYERABEND, Paul Karl. **Adeus à razão**. São Paulo: UNESP, 2010.
- FEYERABEND, Paul Karl. **Ciência, um Monstro**: lições trentinas. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FEYERABEND, Paul Karl. **Contra o Método**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011b.
- FEYERABEND, Paul Karl. **Contra o Método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- GARCIA, Silas Alberto; PERES, Nélio Borges; MENEZES, Nívea. Maria Silva. O movimento higienista: interfaces com a Educação Física brasileira a partir do conto “O Alienista” de Machado de Assis. **Educere et Educare**, v. 15, n. 34, p. 1-22, 2020.
- GALVÃO, Cecília. Ciência na literatura e literatura na ciência. **Interacções**, [S. l.], v. 2, n. 3, 2006. DOI: 10.25755/int.305. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/305>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- GOMES, Roberto. O Alienista: loucura, poder e ciência. **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 145-160, 1993 (editado em nov. 1994).
- GROTO, Sílvia Regina e MARTINS, André Ferrer Pinto. Monteiro Lobato em aulas de ciências: aproximando ciência e literatura na educação científica. **Ciência & Educação (Bauru)** [online]. 2015, v. 21, n. 1 [Acessado 14 Dezembro 2022], pp. 219-238. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320150010014>. ISSN 1980-850X. <https://doi.org/10.1590/1516-731320150010014>.



MELO JUNIOR, Geovane Souza. O cientificismo e suas relações com o poder no conto “O Alienista”: uma análise foucaultiana. **Revista Alpha**, Patos de Minas, v. 17, n. 1, p. 73-80, 2016.

SNOW, C. P. Charles Percy. **As duas culturas e uma segunda leitura**. São Paulo: EDUSP, 1995.

ZANETIC, João. Física e literatura: construindo uma ponte entre as duas culturas. **História, Ciências, Saúde**. v. 13, n. suplemento p. 55-70, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702006000500004>. Epub 15 Jan 2007. ISSN 1678-4758. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702006000500004>.

Submetido em: 31 /01/2024

Aceito em: 29/05/2024

ⁱ A filosofia da ciência é considerada uma disciplina da filosofia que estuda a natureza do conhecimento científico, bem como suas fontes, sua validação e sua justificação.

ⁱⁱ Cabe ressaltar que o propósito aqui é destacar e discutir apenas algumas concepções e críticas de Paul Feyerabend sobre a ciência que são consonantes com as que Machado de Assis cunhou em seu conto *O Alienista*. Portanto, não se objetiva discutir com aprofundamento e consistência as várias questões epistemológicas que Paul Feyerabend teceu ao longo de todas as suas obras. Até porque tal empreitada demandaria um estudo muito mais amplo que não compete a este trabalho.

ⁱⁱⁱ Obviamente que o patriarcalismo da época, possivelmente com o aval da ciência, não permitia suspeitar de que a infertilidade pudesse ser atribuída ao marido. Sob as mulheres também recaía a “culpa” de não gerar filhos homens.

^{iv} Quando almejam a absolutidade metafísica (mas são humanas, “demasiadas humanas”, quando reconhecem sua precariedade)

^v É preciso deixar claro aqui que Feyerabend não fez uma proposição prescritiva de cunho epistemológico ao apresentar o termo “anarquismo epistemológico”. Como ele mesmo depois explica aos seus leitores e principalmente aos críticos que lhe acusaram de prescrever o anarquismo epistemológico, essa postura anárquica se trata de uma alternativa transitória. Nas palavras do autor: “Não digo que a Epistemologia deve ser tornar anárquica, ou que a filosofia da ciência também deve se tornar anárquica. Digo que ambas as disciplinas devem receber o anarquismo *como um remédio*. A Epistemologia está doente, precisa ser curada, e o remédio é a anarquia. Ora, um remédio não é algo que tomamos continuamente. Tomamos um remédio durante certo período e depois *paramos de tomá-lo*.” (FEYERABEND, 2011, p. 157, grifos do autor).

^{vi} Na contramão do platonismo, o qual, ironicamente, utiliza a literatura (alegoria, mito) para instaurar o reino da *episteme* (exemplificado, entre outros, no livro VII da República) e com isto, destituir a literatura de valor de verdade.